

## EXORTAÇÕES DAS ALMAS

Muitas vezes Maria Simma recebeu das almas exortações e conselhos práticos. Citemos brevemente alguns.

- O Santíssimo Sacramento do altar já não é venerado como devia ser. Em muitas das igrejas modernas, o Santíssimo Sacramento já não está no centro da Igreja.

- Fazem-se estátuas e quadros que ridicularizam o que deviam representar.

- Também é uma falta de humildade e de respeito pedir que recebamos a Santa Comunhão de pé, sem nenhuma genuflexão.

- O rosário deve ser mais posto em relevo. A oração do rosário tem um grande poder: Maria é o socorro dos cristãos.

- Em todo o lado choco as pessoas quando digo, por ordem das almas do purgatório, que os trajes imodestos como as minissaias, fomentam a imoralidade. E preciso tomar isto a sério: as mulheres têm nisto uma grande responsabilidade.

- As almas pedem também que façamos a tempo o nosso testamento. Quantas vezes nascem querelas que se continuam de geração em geração porque, ou não se fez testamento, ou não se fez com justiça.

- É preciso que todos contribuam para a vinda do Reino de

Deus. Os pais têm uma grande responsabilidade quando não deixam os filhos trabalhar ativamente para esse fim. A juventude toma-se culpada quando, por amor dos seus prazeres, negligencia a prática de uma boa acção.

## CONSTRUÇÃO DE UMA CAPELA

Uma alma do purgatório disse que a Santíssima Virgem desejava que se erigisse uma capela em Sonntag: indicou o local exacto onde se encontrava em tempos um pequeno oratório da Virgem. Este oratório desapareceu aquando da construção de uma estrada. Prometeram reconstruí-lo, mas, como acontece muitas vezes, esqueceram-se. Era precisa uma capela suficientemente grande para lá se poder celebrar missa.

Dei o recado ao meu director espiritual. Ele levou logo a questão a sério, porque sabia que dantes ali existira um oratório o que, pessoalmente, eu ignorava. Sá as pessoas de idade podiam ainda lembrar-se disso.

A construção da capela devia ser assegurada por donativos. Na comuna houve dificuldades. As pessoas não queriam compreender que a capela devesse ser construída lá onde precisamente só havia duas casas e não num local onde havia várias. Por vontade do meu director, perguntei a uma alma se a capela não podia ser construída no lugarejo de Turtsch onde há mais habitantes. Eis a resposta: “Se os habitantes de Turtsch querem uma capela, devem pagá-la eles mesmos; a capela deles não deve ser paga com os donativos que foram feitos.

A capela foi então construída no local desejado e isso sobretudo por iniciativa do meu director espiritual, Pe Alphonse Matt. Como não havia ainda no Vorarlberg nenhuma capela em honra de Nossa Senhora dos Pobres de Banneux, a Virgem pediu uma estátua de Banneux nesta capela. O reitor de Banneux trouxe ele mesmo para Sonntag uma estátua que tinha sido benzida em Banneux.

Quando a capela acabou de ser construída, a Mãe de Deus exprimiu, por meio de uma alma, o desejo de que aí colocássemos um quadro representando-a como Mãe de Misericórdia para as almas do purgatório. Mas era preciso que fosse um quadro de uma beleza natural e não uma dessas pinturas retorcidas de arte moderna.

Pedi à Mãe de Deus um bom pintor. Pouco depois chegou um padre polaco, o Pe. Stanislas Skudrzyk S. J., a quem expus o desejo. Disse-me que conhecia em Cracóvia um bom pintor, o professor Adolf Hyla, que seria capaz de fazer um belo quadro. O jesuíta polaco, Pe. Stanislas, habitando em Hamburgo, tomou o assunto a seu cuidado, incluindo a questão financeira e o transporte via Polónia até Sonntag, que decorreu sem incidentes.

Em Maio de 1959, a capela foi benzida; ela tornou-se um lugar de peregrinação e um memorial das almas do purgatório aberto a todos os peregrinos. A localização deste lugar de graças, por cima da última aldeia do Grosswalsertal, a calma, a vista sobre um vale dos pré-alpes no seio das pradarias alpinas, cheias de perfume das flores e do canto das ciganas, é única. Quem quiser retirar-se para rezar em silêncio em plena natureza, perto de Deus,

encontra aí uma pequena célula onde se sente maravilhosamente escondido.

## **NOVOS FACTOS**

Que um livro atinja em seis anos uma tiragem de 100.000 exemplares; que tenha sido traduzido em cinco línguas, é para o autor, como para o editor, um acontecimento que os enche de satisfação e de reconhecimento para com Deus. Foi também por isso que no dia da Epifania de 1975, convidamos Maria Simma para a nossa casa editora. Nessa ocasião foram relatados novos factos e novas experiências, de que publicamos aqui uma parte. Se este livro é muito procurado, é porque os fiéis sentem uma real necessidade de ser informados sobre os “fins últimos”

Talvez a divina Providência tenha concedido a Maria Simma o carisma com que a favoreceu porque, nos nossos dias, grande número de padres não suportam “a sã doutrina” e já não pregam sobre assuntos como a morte, o julgamento, o Purgatório e a Ressurreição. Quanto mais os cristãos cedem terreno sobre estes pontos da doutrina, mais as práticas ocultas, tais como o espiritismo, a adivinhação, e mesmo o satanismo progridem. No fim desta parte do livro, relatamos uma história em que os nomes das pessoas e dos lugares são conhecidos do editor, e que mostra bem que Deus escolhe sempre os fracos instrumentos para triunfar dos fortes.

Maria Simma, simples e humilde filha do Vorariberg, realiza conversões que infelizmente hoje muitos padres não conseguem obter, oferecendo assim o critério mais

importante que Cristo pôs para o Reino de Deus: “E pelos frutos que os reconhecereis”.

## O FIM JUSTIFICA OS MEIOS?

Uma mulher que ainda vive, diz-nos Maria Simma, veio um dia a minha casa e contou-me o seu desgosto nestes termos: “O meu marido morreu. O meu filho, que gostava muito do pai, agora deixou completamente o bom caminho. Se lhe dissesse que o pai veio ter consigo e contou que tinha de sofrer cruelmente por causa do filho ter tomado o mau caminho, ele converter-se-ia imediatamente, porque não suportaria que o pai tivesse de sofrer por sua causa”.

Disse-lhe: “Peça a Deus que o pai possa vir para me dizer isso”. Ele disse: “Sim, mas mesmo que o pai não venha, pode dizer-lho”. Respondi: “Não, isso seria uma mentira!” Ela acrescentou: “Pois, mas se o filho se convertesse?”

É o mesmo, não se pode fazer uma coisa dessas porque, em tais questões é preciso restringirmo-nos à estrita verdade. O pai não pode vir, o caso ficou liquidado. Talvez o filho também não se tivesse convertido.

## É PRECISO SER PADRE, MESMO NOS TEMPOS ACTUAIS?

Já chamei a atenção para a grande responsabilidade em que incorrem os pais quando Deus chama ao Seu serviço um dos filhos. “Actualmente, não deixaria o meu filho ser

padre”, disse-me um pai de família.

“Ah! E porque não?”

“A senhora conhece bem a situação actual. Há eclesiásticos modernistas que ensinam coisas que já não são católicas. Não quereria entregar o meu filho a tais padres, porque os seus ensinamentos não são conformes àquilo em que cremos”.

“Mas, até que o seu filho seja padre”, respondi-lhe, “passarão ainda doze ou treze anos. Até lá, teremos de novo outro tempo, tenho a certeza, porque estes períodos de decadência não duram. Em todos os concílios houve perturbações. E este concílio foi mais importante que todos os outros. Mas o concílio não é responsável desta grande perturbação. A falta principal pertence àqueles que já não obedecem ao Papa. E, infelizmente, há entre eles até cardeais, bispos e padres”.

## TRANSPIREI DE ANGÚSTIA

Uma senhora chamou-me para ter comigo uma conversa. Perguntou-me: “Virão almas a sua casa esta noite?” “Não sei. Nunca sei com antecedência”, respondi. Então pediu: “Concordaria em dormir no nosso quarto se outros hóspedes da casa de repouso estivessem presentes, porque eles também gostariam muito de poder ouvir alguma coisa?”

Como havia lá dois cardíacos, recusei. Cedendo a novas instâncias concordei dormir ao lado, deixando a porta entreaberta. Pensei: “Se Deus não o permitir, nenhum de

vós ouvirá nada”. No dia seguinte de manhã, notei que a dona da casa parecia muito séria e muito mudada. Quando lhe perguntei se ela não estava bem, recebi esta resposta: “Não, não tenho nada, mas preciso de lhe fazer uma pergunta: esteve aqui alguma alma nesta noite?” “Sim, porquê?”

Retorquiu: “Essa alma rezou um Pai Nosso?” Pensei que ela não podia tê-lo ouvido e não respondi. Então ela confessou-me com voz tremente: “Eu ouvi rezar um Pai Nosso que ressoava como vindo de uma profunda caverna!” Fiquei muito espantada: “Bem, é a primeira pessoa que ouviu falar uma alma do purgatório, quando ela estava comigo”. Detalhe interessante: ela ouviu a voz como se saísse de uma caverna, enquanto que eu tive a impressão de que rezava o Pai Nosso, normalmente, comigo. Quanto a mim rezei em voz baixa para não incomodar as pessoas que dormiam ao lado. “Transpirei de angústia”, concluiu a mulher, “e senti-me feliz por não ter dormido no nosso quarto”.

## UMA FREIRA E PROFESSORA TIROLESA, CHEIA DE HUMOR

Conheci, no Tirol, uma professora, uma grande Irmã. Adoeceu e suportava o sofrimento com paciência. Um ano depois ouvi dizer que estava no sanatório. Decidi ir visitá-la. Logo que cheguei disse-me: “Porque é que o bom Deus não me atende nunca? Têm tanta necessidade de mim para dar aulas!”

“É verdade irmã, tentei dizer-lhe para a consolar, mas

pense que o sofrimento é a maior prova de amor que Deus nos dá”.

Ao que ela replicou com humor: “Eu concordaria que, por um certo tempo, Ele me amasse um pouco menos!”

## RECEBER A COMUNHÃO EM MÃOS NÃO CONSAGRADAS

Veio a minha casa um padre pedir-me: “Reza por mim, suporte grandes sofrimentos”. E desapareceu sem poder dizer mais. Em seguida, uma outra alma do purgatório esclareceu-me sobre este caso. “Ele tem muito para sofrer porque introduziu a comunhão na mão e mandou retirar as mesas da comunhão. O que se podia fazer de mais eficaz para o aliviar, seria repor as mesas que ele mandou tirar, e que aqueles que ele levou a comungar na mão deixassem de o fazer”. Disse isso ao seu Deão que se mostrou compreensivo e me respondeu: “Eu não introduzi a comunhão na mão. Quanto às mesas de comunhão, tudo o que posso fazer é tentar obter que se conformem com esse desejo; mas, nesse ponto, devo deixar a decisão ao cura local”.

Já por duas vezes veio um padre queixar-se. No terceiro encontro queixou-se de ter de sofrer duramente porque retirou a mesa da comunhão da igreja e forçou o povo a comungar de pé. Vemos que há aqui algo que não está certo. O Papa permitiu que se receba a comunhão de pé, mas quem quiser recebê-la de joelhos deve ter a possibilidade de comungar ajoelhado à mesa da comunhão. E isto que o papa quer e nós podemos pedi-lo



a todos os padres. Se um padre ou um bispo soubesse em que responsabilidade incorre ao introduzir a comunhão na mão, não haveria mais comunhão dada ou recebida na mão.

Eis agora um assunto com que me confrontam em todo o lado. O assunto é claro, mas nesta época moderna, os mandamentos de Deus não se deixam modernizar. Estes mandamentos são uma parte integrante do ensino da religião. Rejeitemos então esse “catecismo holandês” que põe em questão ou passa em silêncio importantes verdades da fé e compremos o antigo catecismo, como na Suíça, onde se imprimiram milhares, para que se possa de novo ensinar as crianças de modo justo e seguro. Se o padre ou os catequistas o não fazem, que o façam os pais.

## SANTIFICARÁS O DOMINGO

Uma alma ordenou-me que mencionasse sempre, no decurso das minhas conferências, a santificação do domingo, dizendo que se falta gravemente por trabalhos que não são necessários ou que não se devem mesmo executar ao domingo.

Depois a missa de domingo e não a de sábado à tarde! Se os jovens querem fazer uma excursão que assistam à missa de sábado, mas não por sistema. Não deve tomar-se um hábito.

As almas do Purgatório dizem que o rito latino da missa deve manter-se ao lado do rito em língua vernácula, para que os fiéis que falam outras línguas possam também

participar com piedade no sacrifício da missa. É o que também deseja o Papa.

## IGREJAS MODERNAS

Já me perguntaram: “Também já soube alguma coisa acerca das igrejas modernas?” Sim, as almas do Purgatório também dizem o que está certo e o que não está. Já houve pessoas que me repreenderam por ser contra as igrejas modernas. Não é verdade. Não sou contra as igrejas modernas que não impedem a devoção, mas se essas igrejas são ornadas de pinturas ou de estátuas diante das quais se tem medo, porque são feias e repulsivas, isso é obra do diabo e não de Deus! Isto tem de ser dito.

O que eu vi, por exemplo, na igreja do Rosário, em Viena-Htzensdorf, é uma zombaria e uma vergonha, uma abominação para uma casa de Deus. Perguntei quem tinha feito esta igreja e soube que foi um elemento da maçonaria. O aspecto da Igreja é a consequência disso. Os quadros do pintor Ernest Fuchs são realmente uma ofensa a Deus.

Em Linz, no Alto Tirol, vi uma igreja moderna que me agradou. Porque não se faz assim? O sacrário com o Santíssimo Sacramento, está onde convém: no centro. Dos dois lados há mesas de comunhão. Quem quer comungar de joelhos pode fazê-lo, quem preferir ficar em pé também pode porque ao meio há um espaço livre entre as duas mesas santas.

Também tem uma bela estátua da Virgem. As pessoas vêm

de longe pois muitos não vão à sua igreja paroquial que foi desfigurada. Os iconoclastas modernos deitaram fora tudo o que dava ao edifício um aspecto sacro. Em duas igrejas católicas não encontrei pias de água benta. Perguntei porquê. Responderam-me que o vigário tinha dito que isso era uma moda estúpida. Ao que repliquei: “esse, terá um dia uma moda estúpida no Purgatório”.

## NÃO SE PODE ESCAPAR À CONFISSÃO DOS PECADOS

Em muitos lugares também se abandonou a confissão. Ora a confissão é um sacramento que Cristo instituiu, e não a Igreja, como muitos pretendem. Porque Cristo disse: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles a quem os retiverdes serão retidos” (Jo 20, 23). Portanto os pecados devem ser confessados; sem isso como pode o padre decidir se deve ou não os perdoar?

Disseram-me um dia: “Mas Cristo não disse que devíamos ir ao confessionário”. Respondi: “Não, isso Cristo não disse. Se preferirdes podeis dizer os vossos pecados ao padre, em público, diante de todos, e arrepender-vos, e o padre pode depois também dar-vos a absolvição fora do confessionário. Mas os vossos pecados devem ser confessados”.

Aqui e acolá, tenta-se esvaziar a confissão em proveito de cerimónias. Nessas paróquias o número de confissões diminui de repente. É um desvio. Roma (tal como também os bispos da Áustria) explicou com toda a clareza que,

numa cerimônia penitencial, não é possível nenhuma absolvição sacramental por faltas graves. Uma cerimônia penitencial não se pode nunca substituir a confissão individual.

Em muitos locais, não se quer admitir a confissão antes da primeira comunhão. Isto não está certo. Já por duas vezes o Papa declarou que a primeira confissão deve preceder a primeira comunhão. Infelizmente muitos padres não obedecem ao Papa, o que se pagará.

As almas do Purgatório constantemente insistem neste ponto: é preciso rezar pelo Santo Padre que está em Roma. Devemos unir-nos fortemente em volta do Papa e agir segundo a sua consciência.

Em Ulm, encontrei crianças de 15 anos que ainda nunca se confessaram. Perguntei-lhes o motivo e responderam: “Antes da primeira comunhão não devíamos ir à confissão, mas no sexto ano podíamos ir”. Comentamos uns com os outros: “Tens pecados diferentes dos de então? — Não, apenas zombei e desobedei. — Bem! Pensamos nós. Ou nos devíamos ter confessado antes da primeira comunhão, ou agora também não é necessário’. E não nos confessamos”.

A primeira confissão, antes da primeira comunhão é também muito importante para a formação da consciência!

## QUEM GANHOU?

Um fabricante do sul da Alemanha convidou-me para fazer uma conferência. Quando cheguei disse-me: “Há um

ano fez uma conferência numa localidade dos arredores. Por acaso deparei com um anúncio da sua conferência e pensei: “Então ainda há coisas destas? Tais histórias? Veio-me logo a ideia de que, não tendo no momento nada de especial em vista, poderia ir ouvir esta ‘brincadeira’”. Fui e sentei-me ao fundo da sala. A hora da graça ia soar para mim, e num momento em que eu não esperava. Foi quando a senhora disse: ‘Enquanto o homem viver nunca é demasiado tarde; ele pode formar-se e até reformar-se. Desenvolvendo um grande zelo, pode recuperar o que anteriormente negligenciou’. Durante vários anos, não tinha posto a pés numa igreja, e eis que agora o amor de Deus me tomou e transformou a minha vida. A minha decisão foi firme: é preciso que esta mulher venha à nossa cidade fazer uma conferência e serei eu a organizá-la.”

Não podia procurar o seu pároco porque sabia que ele era contra tais coisas. Voltou-se, portanto, para a autoridade civil que lhe concedeu o uso da sala municipal pelo montante de 300 marcos. Apenas o nosso homem afixou anúncios da conferência, recebeu do pároco um telefonema: “O que está a fazer sem a minha permissão?” O fabricante respondeu-lhe: “Penso que ainda temos liberdade de palavra e de consciência. De resto, não se preocupe porque não perderei nenhuma alma.”

O ataque é a melhor defesa, pensou o cura, e ameaçou: “Publicarei imediatamente no jornal, que ninguém assista a essa conferência”.

“Sim, concedeu calmamente o fabricante, pode fazê-lo e eu pedirei aos anjos da guarda de toda a cidade que me

ajudem e veremos quem ganha”.

O cura escreveu um artigo, mas o seu artigo chegou uma hora mais tarde. Apareceu, portanto, exactamente ... um dia mais tarde. Eu tinha feito a minha conferência na véspera à noite na sala municipal! A sala estava repleta. Felizmente, uma instalação excelente de alto-falantes, permitia ouvir não só no interior, mas ainda no exterior onde se encontravam autocarros vindos de algures e cujo ocupantes puderam seguir perfeitamente a minha exposição.

No dia seguinte, quando as pessoas leram o apelo do cura no jornal, muitos devem ter rido. Alguns deram ao cura o conselho de assistir primeiro a uma conferência antes de se comprometer assim com a imprensa.

Cf. Maria Simma, *As Almas do Purgatório disseram-me*, pp. 93-126